



Sandra Boehringer

HOMOSSEXUALIDADE
FEMININA NA
ANTIGUIDADE GREGA
E ROMANA



EDITORA
UNIFESP

A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE é hoje uma disciplina respeitável ou, pelo menos, tão bem constituída que é fácil esquecer o quanto essa ideia parecia inesperada e desconcertante há pouco tempo.

Em 1976, quando Michel Foucault, com *A Vontade de Saber*, publicou o primeiro volume do que chamou, não sem audácia, de uma “História da Sexualidade”, o título tinha algo de insólito, se não de contraditório. Com efeito, como a sexualidade poderia ter uma história? Habitualmente, pensava-se que ela não poderia ter mais que sua gravidade ou alguma força natural, e falar de uma história da sexualidade tinha tão pouco sentido quanto falar de uma história da respiração. De fato, pensava-se, as atitudes em relação à sexualidade realmente poderiam mudar, assim como a taxonomia dos comportamentos sexuais poderia variar de uma sociedade para outra, mas a sexualidade havia sido sempre a mesma.

Estamos tão acostumados com a ideia de que a sexualidade efetivamente tem uma história que pouco nos interrogamos sobre a natureza dessa história. No entanto, é a questão diante da qual nos coloca este estudo cativante e original de Sandra Boehringer: como exatamente – sob quais pontos de vista, em razão de qual temporalidade, segundo quais dimensões ou sob quais aspectos e com quais consequências – a sexualidade tem uma história?

A história da sexualidade, tal como a compreende a autora, reconhece a força e os prazeres da identificação,

porém sem sucumbir a ela. Boehringer não hesita em tomar nossos conceitos atuais da sexualidade, e até nossa política da sexualidade, como trampolim da pesquisa histórica, porque considera que o resultado da investigação não é estritamente determinado por seu ponto de partida – e pode até decorrer de uma posição militante, sem afetar sua credibilidade científica, nem pôr em dúvida sua objetividade.

Descobre-se, às vezes, que as armas ideológicas mais eficazes nas lutas políticas contemporâneas não são nada mais, nada menos que o total decifrar profissional, rigoroso e exato das fontes históricas.

DAVID M. HALPERIN

SANDRA BOEHRINGER, professora de Letras Clássicas e ex-comissionada da fundação Thiers, leciona na Universidade Marc-Bloch, em Estrasburgo, França. É autora de inúmeros artigos sobre a história do gênero na Antiguidade.

HOMOSSEXUALIDADE FEMININA
NA ANTIGUIDADE GREGA E ROMANA

© 2022 by Editora Unifesp



Universidade Federal de São Paulo
Reitor Nelson Sass
Vice-reitora Raiane Patrícia Severino Assumpção



Editora Unifesp

Diretora Cynthia Andersen Sarti
Conselho Editorial Cynthia Andersen Sarti (presidente)
André Medina Carone
Bruno Feitler
Esther Solano
Francisco Foot Hardman
Gabriel Cohn
José Castilho Marques Neto
Leticia Squeff
Mauro Aquiles La Scalea
Paulo Schor
Valéria Petri



Fundação de Apoio
à Universidade
Federal de São Paulo

Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo

Diretora Presidente Maria José da Silva Fernandes
Conselho da Administração José Leovigildo de Melo Coelho Filho
Flávio Tayra
Superintendente de Publicações Cynthia Andersen Sarti

Sandra Boehringer

HOMOSSEXUALIDADE
FEMININA NA ANTIGUIDADE
GREGA E ROMANA

TRADUÇÃO DE IRACI POLETI



Copyright © 2022 by Editora Unifesp

Sandra Boehringer, *L'Homosexualité féminine dans l'Antiquité grecque et romaine*,
Copyright © Société d'Édition Les Belles Lettres, 2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boehringer, Sandra.

Homossexualidade feminina na Antiguidade grega e romana / Sandra Boehringer ;
tradutora Iraci Poleti. – São Paulo : Editora Unifesp, 2022.
476 p. ; 14 x 21 cm.

Título original: *L'homosexualité féminine dans l'Antiquité grecque et romaine*.

ISBN 978-65-5632-135-6

1. Lesbianidade – Antiguidade. 2. Lesbianismo na literatura. 3. Literatura antiga – Temas, motivos. I. Título.

CDD 306.7663

Elaborado por Cristiane de Melo Shirayama – CRB 8/7610

Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Editora associada à



**Associação Brasileira
das Editoras Universitárias**

Direitos em língua portuguesa reservados à
Editora Unifesp
Universidade Federal de São Paulo
Rua Sena Madureira, 1 500 – 5º andar
Vila Clementino – São Paulo – SP – 04021-001
(11) 5576-4848 ramal 8393
www.editoraunifesp.com.br

@EditoraUnifesp @EditoraUnifesp @editoraunifesp

Impresso no Brasil 2022
Foi feito o depósito legal

AGRADECIMENTOS

Originalmente, este livro foi uma tese orientada por Luc Brisson na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Este trabalho pôde ser levado a termo graças ao apoio da Fundação Thiers, que, por meio de um comissionamento de três anos no CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), proporcionou-me condições ideais de trabalho.

Longe de ser um exercício acadêmico, esta pesquisa foi uma aventura científica e humana, pontilhada por encontros enriquecedores. Apesar de algumas resistências universitárias, pude empreender o trabalho graças à atenção e à amizade de Jacques Gaillard, Gyögy Karsai e Jean Gascou, na Universidade Marc Bloch de Estrasburgo.

Faço questão de agradecer calorosamente a Luc Brisson, que acompanhou os meus trabalhos e foi o orientador desta pesquisa e, ao mesmo tempo, entusiasta e motivador.

Meus agradecimentos dirigem-se também a David Halperin, Michel Briand, Claude Calame e Philippe Moreau, que me prodigalizaram conselhos e incentivos em minha trajetória intelectual.

Agradeço a Isabelle Châtelet os preciosos conselhos e os belos croquis dos vasos.

Finalmente, agradeço a meus próximos e a meus amigos, especialistas da Antiguidade, feministas, *queer*, psicanalistas, norte-americanos, sindicalistas e militantes: Rostom Mesli, Louis-Georges Tin, Hubert, Marinette e Nadine Boehringer,

AGRADECIMENTOS

Marine Lostia, Nadine Picard, Isabelle Châtelet, Jean Allouch, David Halperin, Michèle Haller, Henri Lecouteux, Armelle Chauveau, Christine Porêt, Claudine Hoffbeck, Fruzsina Vegvari, Sophie Dubois, Geoffroy Grison, Laurie Laufer.

© 2022 by Editora Unifesp

SUMÁRIO

Prefácio, por David Halperin.....	9
Introdução: por uma exploração construcionista da sexualidade antiga	19
I	
MITO E POESIA LÍRICA ARCAICA: O HOMOEROTISMO NO FEMININO	43
Fragmentos de discursos amorosos.....	45
Traço mítico: a deusa e a jovem.....	87
II	
A GRÉCIA CLÁSSICA E HELENÍSTICA: DO SILÊNCIO AO HUMOR	111
Platão, <i>O Banquete</i> : uma categoria teórica	113
Platão, <i>As Leis</i> : uma interdição como reconhecimento	149
Representações e silêncios do período clássico	175
Jogo e humor no período helenístico	213
III	
O PERÍODO ROMANO: DA FICÇÃO MÍTICA À SÁTIRA.....	251
O discurso poético: Ovídio e a transformação mítica.....	257
A sátira sexual.....	319
O discurso científico: silêncio e discordâncias	405
<i>Epílogo</i> : Luciano e a saturação dos signos	423
Conclusão	433

SUMÁRIO

Bibliografia	441
Índice de autores e obras antigas.....	465
Índice de autores contemporâneos	469
<i>Index nominum et rerum</i>	473

© 2022 by Editora Unifesp

PREFÁCIO¹

David M. Halperin

A história da sexualidade é hoje uma disciplina respeitável ou, pelo menos, tão bem constituída que é fácil esquecer o quanto essa ideia parecia inesperada e desconcertante há pouco tempo. Em 1976, quando Michel Foucault, com *A Vontade de Saber*, publicou o primeiro volume do que chamou, não sem audácia, uma “História da Sexualidade”, o título tinha algo de insólito, se não de contraditório. Com efeito, como a sexualidade poderia ter uma história? Habitualmente, pensava-se que ela não poderia ter mais que sua gravidade ou alguma força natural, e falar de uma história da sexualidade tinha tão pouco sentido quanto falar de uma história da respiração. De fato, pensava-se, as atitudes em relação à sexualidade realmente poderiam mudar, assim como a taxonomia dos comportamentos sexuais poderia variar de uma sociedade para outra, mas a sexualidade havia sido sempre a mesma.

Estamos hoje tão acostumados com a ideia de que a sexualidade efetivamente tem uma história que pouco nos interrogamos sobre a natureza dessa história. No entanto, é a questão diante da qual nos coloca o estudo cativante e original de Sandra Boehringer: como exatamente – sob quais pontos de vista, em razão de qual temporalidade, segundo quais dimensões ou sob quais aspectos e com quais consequências – a sexualidade tem uma história?

Os primeiros historiadores da sexualidade, aceitando o desafio lançado pela proposição radical de Foucault de que a sexualidade só apareceu nos séculos XVIII e

¹ Traduzido do inglês (Estados Unidos) para o francês por Isabelle Châtelet.

XIX, responderam de muitos modos. Ao fazerem isso, aplicaram diferentes estratégias para elaborar a relação entre semelhança e diferença, continuidade e descontinuidade, relação própria à história da sexualidade. O debate entre construcionistas e essencialistas do fim da década de 1980 pode ser compreendido como um esforço obstinado para fornecer uma resposta a essa questão: os construcionistas defendiam que as sociedades produzem diferentes formas de vida erótica, assim como diferentes sujeitos humanos, enquanto os essencialistas afirmavam que os seres humanos são fundamentalmente sempre os mesmos e que, através dos séculos, os tipos sexuais não variam mais que os tipos sanguíneos, assumindo simplesmente aspectos que mudam conforme os contextos históricos. Muito depois de os construcionistas terem considerado haver dito a última palavra nesse debate, de os essencialistas terem revelado a qualidade medíocre do saber por ele produzido e de todos os outros não mais quererem ouvir falar disso, a questão fundamental da historicidade da sexualidade continuava a se colocar.

Há poucas possibilidades de que tal questão se resolva em curto prazo. Porque a análise histórica não impede o prazer; ora, às vezes, é muito agradável, principalmente para quem pertence a uma minoria sexual estigmatizada, identificar-se com figuras heroicas do passado, o que lhe é possível fazer de modo ainda mais fácil ao ver nelas uma natureza ou uma identidade sexual partilhada. Mesmo a história mais austera e mais conscienciosa não pode rejeitar por muito tempo esses prazeres, embora a maioria dos historiadores seja suficientemente sensata para ceder a eles somente fora de sua atividade acadêmica². A tendência irresistível em remodelar as culturas sexuais do passado à nossa imagem é eloquente sobre nossa situação histórica, sobre o funcionamento de nossas categorias sexuais contemporâneas, sobre nossa necessidade de um passado, sobre a natureza e os riscos de nosso desejo de história. Talvez também haja vantagens hermenêuticas e ao mesmo tempo políticas em afirmar correspondências e aproximações históricas. A identificação constitui uma contribuição, e uma contribuição não negligenciável: destaca semelhanças, ligações, repercussões. A identificação é uma forma de conhecimento. Não deve ser desprezada nem rejeitada.

A história da sexualidade tal como a compreende Sandra Boehringer, e como também a concebo, reconhece a força e os prazeres da identificação, porém sem sucumbir a ela. Não hesitamos em tomar nossos conceitos atuais da sexualidade, e até nossa política da sexualidade, como trampolim da pesquisa histórica porque consideramos que o resultado da investigação não é estritamente determinado por

2 Comparar o presente estudo, por exemplo, com S. Boehringer, *Dika, élève de Sapho. Lesbos 600 av. J.C.*

seu ponto de partida, em especial quando todo nosso método se destina a garantir que não nos contentemos com redescobrir no passado aquilo que nós mesmos projetamos nele. É por isso que uma pesquisa histórica pode ser concebida numa preocupação moderna, anacrônica, pela sexualidade, como Sandra Boehringer admite francamente, e pode até decorrer de uma posição militante, sem afetar sua credibilidade científica nem pôr em dúvida sua objetividade. Descobre-se, às vezes, que as armas ideológicas mais eficazes nas lutas políticas contemporâneas não são nada mais, isto é, nada menos, que o total decifrar profissional, rigoroso e exato das fontes históricas.

Um dos paradoxos da história da sexualidade é que essa disciplina não implica o fato de que a “sexualidade” seja necessariamente a base, ou o objeto, de seu estudo. Apesar do que podem induzir as palavras “história da sexualidade”, essa história não coloca a existência de uma entidade chamada “sexualidade” que seria o objeto estável de uma investigação histórica por meio de diferentes períodos e diferentes culturas. Ao contrário, seguindo o exemplo dado por Foucault (cuja “história da sexualidade” *desrealiza*, de fato, a sexualidade como objeto positivo de um estudo histórico), a maioria dos historiadores da sexualidade tem como estratégia exercer tal pressão heurística sobre o conceito de sexualidade, que ele acaba por se dissolver e abrir caminho a outras estratégias discursivas ou conceituais para representar a vida social do desejo. Se é vão esperar escapar a nossa modernidade, a nossa situação contemporânea, podemos ao menos fazer aparecerem as contradições internas de nossas categorias modernas, aplicando-as ao passado – pelo ato e no ato de aplicá-las ao passado. Não se trata de sonhar com transcendê-las realizando uma suspensão metodológica total que, graças a uma determinação própria do historiador para identificar e pôr entre parênteses nossos pressupostos ideológicos, permite descrever os primeiros fenômenos em sua irreduzível especificidade social e em toda sua pureza histórica. Ao contrário, trata-se de levá-las de tal forma a sério que, ao desenvolvê-las, fazemos aparecer seus limites como instrumentos da análise histórica. A história da sexualidade, muito longe de encontrar “sexualidade” em tudo que investiga, visa desfazer-se em seu próprio processo.

* * *

As tensões que opõem continuidade e descontinuidade, identidade e diferença, mesmo e outro são particularmente delicadas quando se trata da historiografia da homossexualidade. Refletem não só os grandes desafios políticos presentes em todo projeto contemporâneo em que se devem forjar representações da homossexualidade, mas também a irreduzível incerteza da definição do que é, de fato, a própria

homossexualidade³. George Chauncey indicou claramente, e de forma definitiva, as consequências dessa incerteza para os historiadores em sua introdução a uma coletânea pioneira da história dos *gays* e das lésbicas publicada em 1989:

A sexualidade genital entre pessoas do mesmo sexo, o amor e a amizade, a não conformidade com o gênero e uma certa perspectiva estética e política, todos esses elementos são considerados como tendo relações (frequentemente ambíguas e sempre contestadas) com esse complexo de atributos que hoje chamamos de “homossexualidade”. A pesquisa histórica, em grande parte, esforçou-se por encontrar no passado os antecedentes dessas características que um ou outro historiador pensa que são constitutivas da identidade *gay* contemporânea (quer se trate de atos de sodomia, de travestismo ou de amizades particulares)⁴.

A história das relações eróticas entre mulheres esclarece melhor essas questões de definição. Quando escrevemos a história dessas relações, escrevemos a história de que exatamente? A história do amor entre mulheres ou do desejo entre mulheres? Da intimidade entre mulheres ou das relações sexuais entre mulheres? A história das mulheres masculinas ou das mulheres independentes? Das mulheres que evitavam o casamento e que viviam com outras mulheres? Ou das mulheres que assumiam uniões sociais e políticas com mulheres em vez de o fazerem com homens? E qual dessas histórias recebe o nome de “história lésbica” segundo nossas ideias atuais? Algumas? Todas? Nenhuma?

Essas questões impuseram-se a mim desde o primeiro dia, ou quase, do primeiro curso de estudos *gays* e lésbicos que ministrei há cerca de vinte anos. Uma das lésbicas que faziam parte do grupo declarou, em relação ao que, claramente, era uma crítica ao que ela pensava serem os pressupostos do curso: “Não me interesse pela história das mulheres que transavam com outras. Interesse-me pela história das mulheres que *amavam* outras mulheres”. Outra mulher do grupo rebateu delicadamente: “Não dou a mínima para a história das mulheres que amavam outras, mas o que eu gostaria sobretudo de saber mais é a história das mulheres que transavam com outras”. Essas diferenças relativas ao interesse expresso orientam efetivamente as pesquisas em duas direções nitidamente distintas, rumo a duas cronologias, a duas tradições literárias, a dois contextos sociais e políticos, a dois

3 A demonstração da existência dessa incerteza irredutível da definição é a obra central e inestimável de E. K. Sedgwick, *Epistemology of the Closet*.

4 M. B. Duberman, M. Vicinus e G. Chauncey Jr., *Hidden from History: Reclaiming the Gay and Lesbian Past*, p. 8.

corpus de arquivos – em resumo, rumo a duas histórias bem diferentes do “lesbianismo”⁵. As duas se justificam, e a história lésbica reivindica que se dê espaço para o estudo das “lésbicas” conforme cada uma das duas orientações. É significativo que Sandra Boehringer, sem ignorar esses problemas persistentes de definição e sem se esquivar deles, adote um método que a impede de ficar paralisada por eles ou de privilegiar uma das versões da história lésbica em detrimento das demais.

* * *

As vicissitudes da própria palavra “lésbica” ampliam os desafios e as vantagens da história da sexualidade. Porque “lésbica” é uma palavra muito antiga e, ao mesmo tempo, muito recente. Remonta não só à Grécia antiga, mas ao período pré-clássico da civilização grega. E, no entanto, decorre muito particularmente dos saberes modernos sobre a orientação sexual, da libertação *gay*, do feminismo das décadas de 1960-1970 e do jargão das identidades políticas contemporâneas.

Mas que idade tem essa palavra? Em sua origem, é a forma adjetiva do nome grego de um lugar, “Lesbos”, que designa uma grande ilha do mar Egeu, não distante da costa noroeste da Ásia Menor, provavelmente ocupada por gregos eólios do século x a.C.⁶. Essa ilha foi o lugar de nascimento e de vida de Safo que compôs poemas líricos em grego, por volta do fim do século vii a.C. e início do vi. Muitos de seus poemas falam do amor e do desejo por mulheres e meninas. A obra de Safo foi objeto de grande admiração no mundo literário masculino da Antiguidade grega, e um número substancial de seus poemas sobreviveu até o século iii a.C. e chegou a preencher nove livros, embora só tenham chegado fragmentos deles até nós (com uma exceção talvez). No entanto, a poesia de Safo e sua reputação revelaram-se suficientemente fortes para pesar sobre o adjetivo “lésbica” em seu já familiar significado sexual. Nessa acepção, “lésbica” é, de longe, o termo mais antigo de nosso vocabulário corrente da sexualidade.

Mas “lésbica” é também muito recente. Tomemos, por exemplo, uma passagem do romance de Aldous Huxley publicado em 1923, *Antic Hay*. Mais ou menos no fim da narrativa, um jovem crítico, escapando aos insultos de um de seus amigos, para cuja exposição fizera publicar um resumo demolidor, e evitando outro amigo, cuja mulher ele seduzira, consegue abrigo na casa de uma mulher da alta

5 George Haggerty defende de modo convincente uma tese semelhante sobre a história da homossexualidade masculina em *Men In Love: Masculinity and Sexuality in the Eighteenth Century*.

6 Ver o verbete “Lesbos” de D. Graham J. Shipley em S. Hornblower e A. Spawforth, *The Oxford Classical Dictionary*, p. 845.

sociedade. Ele chega exatamente no momento em que ela e seus hóspedes começam a se servir com displicência do segundo prato de um longo almoço. A senhora recebe-o efusivamente, convida-o a se juntar a ela e aos convidados e pede-lhe que lhes conte “tudo” sobre suas “experiências lésbicas”. O que ele não demora em fazer, lançando-se ao relato de suas aventuras “nas ilhas gregas”, como o romanista conta com uma piscadela cúmplice⁷. O que designa essa linguagem mundana é, de modo claro, uma série de escapadas heterossexuais. Huxley parece recorrer à antiga associação da palavra “lésbica” com a lascívia sexual feminina para descrever os divertimentos de sua personagem masculina com as mulheres. Esse emprego da palavra, é preciso reconhecer, é uma preciosidade, mesmo segundo os critérios da época, mas não é impossível. Há menos de um século, portanto, um observador erudito da sociedade podia encenar uma conversa elegante em que “lésbica” faz parte do vocabulário brincalhão das personagens para designar não só histórias de amor heterossexuais, mas também seu elemento masculino, sem que esse uso provoque entre eles o menor espanto ou a menor consternação. Hoje não ocorre mais tal uso. Na sequência, entre 1923 e agora, “lésbica” passou, num dado momento, a significar somente uma única coisa. Apesar da antiguidade da palavra, a transformação que fez dela o termo padrão para a “homossexual” é um desenvolvimento muito recente.

Com frequência, “lesbianismo” apareceu como resultado de uma espécie de reflexão posterior, como um complemento de “homossexualidade” (o qual, como todos os termos neutros quanto ao gênero, tem tendência a designar mais particularmente os homens que as mulheres). E, no entanto, o exame sinótico das fontes antigas efetuado por Sandra Boehringer pode permitir supor que a categoria do amor entre mulheres se tenha constituído antes da categoria moderna de homossexualidade e tenha sido talvez sua precursora. As dificuldades que as múltiplas temporalidades do “lesbianismo” apresentam ao historiador da sexualidade são, pois, exemplares: suscitam questões fundamentais sobre o que é sexual, sobre a natureza mesma e o modo de ser da “sexualidade”, sobre a historicidade do sujeito sexual moderno. Também apontam muitos problemas metodológicos de interesse considerável e que cobrem um leque amplo: como distinguir nitidamente entre linguagem e experiência, entre categorias de pensamento e formas de subjetividade, entre continuidades e descontinuidades da historiografia do sexo e do gênero.

* * *

7 A. Huxley, *Antic Hay*, p. 226.

Será que existem práticas, conceitos, categorias, experiências ou atos que correspondem àquilo que entendemos por lesbianismo – qualquer que seja o entendimento efetivo de “lesbianismo” – em outras épocas, em outros lugares, em outras culturas? Alguns historiadores afirmam que sim: eles tentam perceber por meio da linguagem a realidade das coisas, levando em conta a especificidade histórica e cultural dos diferentes discursos, mas insistindo nas correspondências entre as diferentes formas sociais nomeadas por esses discursos. Bernadette Brooten, por exemplo, que escreveu um importante livro sobre o amor entre mulheres na Antiguidade cristã, não nega que tenha havido descontinuidades na história da sexualidade, mas considera que “as descontinuidades históricas não são [...] mais importantes do que para outros termos como ‘escravidão’, ‘casamento’ ou ‘família’, e que, entretanto, não temos escrúpulos em empregar esses termos para fenômenos de diferentes períodos e culturas”, apesar da grande variedade de instituições às quais se aplicam⁸.

Há historiadores que têm exatamente esses escrúpulos; alguns até chegaram a basear neles toda sua abordagem da história social. É o que fez, por exemplo, há algum tempo, o historiador Henry Abelove em resposta a John Boswell, um dos fundadores da história *gay*. Boswell, como Brooten, havia admitido que a homossexualidade no mundo antigo era diferente da homossexualidade no mundo moderno, mas não mais diferente que o casamento, a família ou o trabalho, que eram igualmente diferentes no mundo antigo, embora os historiadores continuem a designá-los por esses nomes⁹. Abelove respondeu que do simples fato de que os camponeses da Idade Média trabalhavam com suas mãos e de que os operários das fábricas trabalhem com suas mãos não decorre que o campesinato feudal deva ser descrito como a forma que o proletariado assumiu antes do desenvolvimento do capitalismo industrial. Tal descrição aniquilaria a especificidade do proletariado, sua dependência social e definidora em relação a um sistema histórico específico de organização econômica¹⁰.

Entretanto, o trabalho manual pode certamente ser considerado um fato objetivo a ponto de poder basear a facticidade do “proletariado” na história, assim como o amor entre mulheres pode ser considerado como um fato objetivo que garantiria a realidade trans-histórica do “lesbianismo”. E, se realmente se *quiser* descrever o camponês feudal como a versão medieval do operário de fábrica, isso é possível, a

8 B. Brooten, *Love between Women*, p. 18.

9 J. Boswell, “Categories, Experience and Sexuality”, em *Forms of Desire: Sexual Orientation and the Social Constructionist Controversy*.

10 Citei pela primeira vez a observação de Abelove em *One Hundred Years of Homosexuality*, p. 46; na tradução francesa, p. 72 e n.

exigência até terá sentido: afinal, os camponeses bem como os operários de fábrica estão na base da pirâmide econômica e social; constituem as classes oprimidas e exploradas cujo trabalho produz uma mais-valia que enriquece os proprietários que vendem a força de trabalho deles. Ambos trabalham com as mãos. Dizer que os camponeses são os proletários do sistema feudal *não é, pois, exatamente errôneo*. É um aporte, e decisivo, que é necessário à mobilização política contra a exploração do trabalho. Mas essa abordagem não nos leva muito longe se o que se busca, no fundo, é compreender historicamente a organização econômica e social específica e sistemática do feudalismo e do capitalismo, ou compreender as diferenças que os separam. Não fornecerá tampouco um conceito de “trabalho” suscetível de ser de grande utilização ou de servir de instrumento universal na análise histórica.

* * *

É sempre tentador fazer surgirem correspondências entre períodos históricos distantes e aqueles mais recentes, descrever os mundos que ainda não foram totalmente descobertos com a ajuda dos termos do mundo que já conhecemos e integrar objetos não familiares a um saber já existente. Tenho muita simpatia por essa abordagem, mas também aprendi a desconfiar dela. No primeiro dia de minha primeira viagem à Austrália, um país onde depois eu deveria viver durante seis anos, não parava de mostrar à minha amiga Susan, uma norte-americana radicada há muito tempo na Austrália e a quem fora visitar, todos os aspectos dos lugares que eu achava que reconhecia: “Ah! Isso parece tão inglês”, dizia eu, ou “isso parece tão californiano”. Ao que Susan respondia pacientemente, com uma indulgência que eu viria a admirar quando, tempos depois, amigos foram visitar-me na Austrália e se comportaram exatamente como eu: “Não, isso parece australiano”. E Susan tinha razão – *não porque eu estivesse totalmente errado*, não porque não houvesse semelhança entre a arquitetura ou a paisagem australianas e suas análogas inglesas ou norte-americanas, mas porque, na pressa em cristalizar minhas primeiras impressões assimilando particularidades do cenário australiano ao que já conhecia, eu não levava em conta o sistema cultural singular que combinava esses elementos à sua maneira e que lhes permitia se juntar segundo uma lógica social e estética única. Ao absorver avidamente todas as curiosidades australianas, o que eu não tinha conseguido ver, de certa forma, era simplesmente a Austrália.

É exatamente esse o perigo que Sandra Boehringer evita em seu estudo rigoroso, preciso e atento a suas especificidades, de todas as fontes gregas e romanas que dizem respeito ao amor, ao desejo, ao erótico, ao contato físico e às relações sexuais entre mulheres. Ainda que a totalidade dos textos e das imagens sobre

o assunto seja limitada e que a maioria nos pareça conhecida, ela reúne novas observações surpreendentes e ajuda-nos a vê-los sob um novo aspecto. Diferentemente dos historiadores da sexualidade que se comportam como turistas em relação aos arquivos – passeando no mundo selvagem do passado tendo como único instrumento de observação termos conceituais modernos –, Sandra Boehring não comete o erro de tomar as características sexuais do período que estuda por versões exóticas do familiar. Ao contrário, evidencia suas particularidades com incansável determinação. Ao mesmo tempo, não fetichiza as diferenças: não se recusa a ver, de um lado, possíveis correspondências entre amor, desejo e relações sexuais entre mulheres no mundo antigo e, de outro, na história do lesbianismo tal como temos o hábito de defini-lo.

Trata-se de uma recusa importante porque uma distinção demasiado simples ou categórica entre culturas antigas e culturas modernas quebraria nosso vínculo com o passado e impediria as múltiplas formas pelas quais continuamos a estar implicados nele – aquelas que nos trazem os motivos e o impulso de nossas paixões históricas. Servimo-nos constantemente do passado para forjar nossa modernidade. O que quer que possam desejar ou dizer os historiadores, os testemunhos que subsistiram das relações, dos desejos, das práticas e dos amores entre pessoas de mesmo sexo permanecerão importantes para as lésbicas e para os *gays* de hoje, bem como estarão presentes, inevitavelmente, em qualquer tentativa de se opor à dominação política e ideológica do heterossexismo nas sociedades contemporâneas. Nenhum historiador, por mais rigoroso, mais desinteressado e mais atento à alteridade do passado que seja, pode nem deve esperar impedir essa identificação emocional e política por parte das lésbicas e dos *gays* com a Antiguidade grega e romana.

Essas identificações são perfeitamente legítimas. Mas são também deslocadas. São necessárias, inevitáveis e politicamente vitais. Entretanto, pode-se, deve-se, é preciso resistir a elas. O passado nos pertence. Mas só nos é útil se também escapa de nossa influência. O prazer de nos ver refletidos no passado aumenta quando coincide com o prazer de descobrir um mundo desaparecido sem nossas obsessões e sem nenhum vestígio nosso. A história da sexualidade, quando é feita com toda a envergadura do estudo de Sandra Boehring, não resolve esses paradoxos. Mostra-nos por que são insolúveis e por que é preciso alegrar-nos por eles.

© 2022 by Editora Unifesp

TANTO NA GRÉCIA ANTIGA
COMO NA ROMA ANTIGA, não
se fala de “homossexuais” nem de
“heterossexuais”, pois essas categorias
não existem nesses períodos.
No entanto, não se deixa de falar das
práticas sexuais, percebidas e avaliadas
segundo critérios que implicam a
cidadania, o controle de si ou ainda a
idade ou as modalidades da relação
erótica. Algumas dessas práticas,
entretanto, escapam a esses critérios
e foram pouco estudadas até o
presente: trata-se das relações amorosas
entre mulheres.

Longe do que se imagina hoje a
respeito da “amazona” ou da mulher
devassa e entregue à luxúria, longe
igualmente das imagens de Épinal dos
amores sáficos e etéreos, a literatura e
os documentos ilustrados repercutem
atitudes e representações que Sandra
Boehring se empenha aqui em
inventariar, decifrar e analisar.

E, ao fazer isso, esboça a cartografia
de um sistema antigo de gênero,
revelando uma organização social
fortemente codificada. No mundo grego
e romano, as leis do desejo são muito
diferentes das nossas, e o erotismo se
inventa onde não se espera.



EDITORA
UNIFESP



9 786556 321356